

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO
BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

ABREU, Alzira Alves de. Alzira Alves de Abreu III (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 30min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

Alzira Alves de Abreu III
(depoimento, 2012)

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Celso Castro; Helena Maria Bousquet Bomeny;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 03/01/2012 a 03/01/2012

Duração: 1h 30min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, com financiamento do Programa de Cooperação em matéria de Ciências Sociais para os países da comunidade de Língua Portuguesa (Programa Ciências Sociais CPLP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Para ter acesso à transcrição e ao vídeo da entrevista [clique aqui](#).

Temas: Anos 1960; Burocracia; Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais; Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil; Ciências Sociais; Darcy Ribeiro; Ditadura; Èmile Durkheim ; Estudos históricos; Família; Formação acadêmica; Formação escolar; França; Golpe de 1964; História; História da imprensa; Imprensa; Instituto Superior de Estudos Brasileiros; Intelectuais; Intercâmbio científico e tecnológico; Intercâmbio cultural; Mídia; Mobilização política; Pesquisa científica e tecnológica; Portugal; Regime militar; Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência;

Sumário

Entrevista: 03/01/2012 Origens familiares; a influência familiar nos estudos; o curso de História na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi); professores importantes para a formação na graduação; o convite, de Darcy Ribeiro, para trabalhar no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE); as linhas de pesquisa presentes no CBPE; os colegas de trabalho no CBPE; a saída de Darcy Ribeiro e o fim do CBPE; a mobilização política de colegas da graduação na FNFfi; o ambiente universitário dos anos de 1960 e as póstumas discussões a respeito do Brasil; o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB); o ambiente de discussões acadêmicas em torno de 1964; o impacto do golpe militar de 1964 sobre os núcleos de pesquisa; as pesquisas realizadas no Instituto de Ciências Sociais (ICS), entre 1964 e 1968; o ambiente acadêmico na década de 1960 em decorrência da ditadura militar; a ida para a França em 1969; o doutorado troisième cycle na França, orientado por François Bourricaud; os seminários proferidos por Raymond Aron; os encontros com antigos colegas de trabalho na França; a volta para o Brasil em 1973; a criação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC); a concretização do projeto do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (DHBB); a criação de novas linhas de pesquisa e a entrada de pesquisadores no CPDOC; a dificuldade inicial do CPDOC em ser aceito no meio acadêmico; a ida para a França em 1983; na volta ao Brasil, o início dos estudos sobre guerrilheiros; a aceitação do CPDOC no meio acadêmico; as questões burocráticas do CPDOC em seus momentos iniciais; a separação do CPDOC do Instituto de Direito Público e Ciência Política (Indipo); a pesquisa sobre a história da imprensa para o DHBB; o interesse pelo campo de mídia; a continuação da atividade de docente no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS); a realização de projetos financiados; a influência de Émile Durkheim; a influência e o contato com grupos intelectuais franceses; História e Ciências Sociais, uma trajetória interdisciplinar; as questões sobre financiamentos de pesquisas presentes nas reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC); os seminários em Portugal e o contato recente com sociólogos portugueses; avaliações sobre as Ciências Sociais hoje.

Entrevista: 14/02/2012

Celso Castro – Alzira, vamos começar, como temos feito nesse projeto, com algumas perguntas sobre a sua origem familiar, estudo, formação na época de juventude, enfim, a formação escolar.

Helena Bomeny – Sua família.

Alzira Abreu - Minha família: eu sou filha de portugueses que vieram para o Brasil por razões... Meu avô faleceu muito jovem, a minha avó resolveu pegar os filhos e vir para o Brasil. Bom, meu pai, eles tinham recursos financeiros lá em Portugal, chegou aqui, meu pai montou uma empresa, o tempo todo dedicou-se a empresa de alimentos, ele tinha uma fábrica de biscoito, etc. Ele tinha o curso secundário, terminou o curso secundário. Depois ele foi a Portugal encontrou minha mãe, casou, etc, e minha mãe só tinha o curso primário completo. Bom, o que mais? Eu fiz meu curso todo em escola particular no colégio Santa Teresa...

C.C. - E ficava onde?

A.A. - Na Penha, onde meu pai tinha todos os negócios deles.

C.C. - Mas vocês moravam...?

A.A. - Na Penha também. Depois que eu decidi fazer... Por que eu decidi? Isso é engraçado, eu tenho três irmãs, uma é química, a outra faz genética e a outra fez Pedagogia, ninguém fez História, essa coisa toda. Isso até assim, meio malvisto na família, porque tudo valorizava as matemáticas, as físicas, as químicas essas coisas. Era engraçado isso. Bom, mas aí porque... Eu tive um professor de História que eu adorava História, ele era um professor maravilhoso. As minhas irmãs foram alunas dele também e gostavam muito de História. Resolvi fazer história e me candidatei a antiga Faculdade Nacional de Filosofia, a FNFfi, e fui fazer o curso de História.

C.C. - Isso em 54?

A.A. - 55. Aí fui fazer o curso de História, na ocasião ainda era História e Geografia, depois que separou. Não, antes ainda era... eu fazia História e Geografia, mas eu nunca dei...

H.B. – Então você tem três irmãs, com você quatro, todas mulheres, todas fizeram o curso superior. Como era o ambiente na sua casa de infância assim de escola, havia um estímulo para o estudo?

C.C. – Cultural...

A.A. - Tinha, muito. Meu pai valorizava muito, comprava muitos livros, incentivava muito a leitura dentro de casa. Eu li todos os clássicos da literatura portuguesa, bem jovem. Me lembro assim, Eça de Queirós foi todo lido e discutido muito dentro de casa. Meu pai era...

H.B. - Era um ambiente favorável.

A.A. - Ele gostava muito dessa coisa.

C.C. - E já na faculdade, o curso de História e Geografia, que ainda era, como era os professores e o que se lia? O que havia de bibliografia, de discussões?

A.A. - Isso todo mundo já sabe um pouco, o que era o curso de História. Curso de história tinha, eu era aluna do Eremildo Viana, de Antiga e Medieval, que deixa eu dizer, era um excelente professor. Não vamos discutir, ele era muito bom professor, a gente estudava muito, lia muito História Antiga e História Medieval. Não vou discutir o que ele fez depois, o período pós 64. E tinha a Yedda Linhares que tinha um grupo de professores assistentes, que eram excelentes: Hugo Vaz, Arthur Vaz, Francisco Falcon, a gente lia muito, obrigava a uma leitura, tinha os seminários que eram grupos, a gente lia muito. Então, curso de História Moderna e Contemporânea, tinha o curso de história da América com a Eulália. Bom o curso, mas ela era assistente de um professor também horrível, até esqueci o nome dele. E tinha o curso de História do Brasil, que era o Hélio Vianna, que a gente tinha que pegar o livrinho dele, decorar e repetir *ipsis litteris*. O que tinha o livro: datas, nomes. Eu me lembro que a gente ficava cobrando uma da outra, lendo. Então era isso um pouco o curso. Agora, deixa eu dizer, o que

foi importante nessa minha formação na faculdade, foi de um lado o curso de História Moderna e Contemporânea com Yedda e do outro Antropologia. Primeiro, eu era aluna da Marina Vasconcelos que obrigava muito a gente a ler, tinha aqueles seminários que a gente estudava muito e Darcy Ribeiro. Quando Darcy chegou, ele revolucionou um pouco o curso, ele dava Etnologia do Brasil. Eu lembro que a gente ficava encantada com aquela forma como ele dava, como ele discutia, e ainda teve esse detalhe que eu era aluna do Darcy. O Darcy me chamou para trabalhar para fazer um levantamento na Biblioteca Nacional sobre Alexandre Rodrigues Ferreira. Eu ficava copiando a mão toda a obra do Alexandre Rodrigues Ferreira. Isso deve estar no arquivo do Darcy que era para ser publicado e nunca foi publicado. Sabe, era assim, copiava aquilo... Bom, eu fazia isso com o maior gosto, copiar a obra desse viajante que veio... Quando terminei a faculdade, no dia que terminei a faculdade, Darcy me chamou para trabalhar com ele no CBPE, aí lá fui eu.

H.B. - Foi sua primeira experiência profissional?

A.A. - Foi.

C.C. - Lá, o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais foi...

A.A. - Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, que na ocasião era um centro muito importante de pesquisa, você não tinha nada...

C.C. - Foi criado pelo Anísio, não é?

A.A. - Ele era ligado ao Inep, era um órgão Inep, do Anísio Teixeira e Darcy tinha todo um... Olha, era um dinamismo aquele CBPE, que eu me lembro. Quando Darcy me chamou para trabalhar lá, ele queria que eu continuasse a pesquisa do Alexandre Rodrigues Ferreira, mas ao lado disso eu fui trabalhar com Oracy Nogueira em um projeto sobre estudo de comunidade Itapetininga, estudo de comunidades rurais, etc. Mas o Darcy formulava... vocês sabem quem era o Darcy, não é?

H.B. - Mas é importantíssima essa recuperação, eu não conheço nenhum depoimento sobre alguém que tenha vivido o CBPE. Então, eu gostaria muito que você...

A.A. - O Darcy criava, ele era uma pessoa que todo dia tinha uma novidade, ele inventava. Uma das coisas que eu me lembro bem que ele criou, foi um estudo sobre o processo de industrialização no Brasil, que ele pegou, assim... Olha, foi aí que eu conheci Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, Florestan Fernandes, tudo que você possa imaginar de Rio, Minas e Rio Grande do Sul, ele trouxe para dentro do CBPE. A gente passava, poxa, eram pessoas começando a carreira também. Ruth Cardoso. Cada um fazia uma pesquisa sobre uma cidade, era uma coisa toda assim. Então eu trabalhei nisso. Fui trabalhar com Josildeth Gomes Consorte que trabalhava com educação. Era assim, crianças e adolescentes, educação entre crianças e adolescentes, e eu fui nesse projeto, esse projetão, eu fui trabalhar com a Josildeth na parte de ensino, de educação. Primeira vez na minha vida que eu fui a uma favela. A gente aplicava uns formulários a pais de crianças, fazia entrevistas com os pais. Eu me lembro que eu fui naquela favela no centro da cidade...

C.C. - Providência?

A.A. - Providência. Eu nunca tinha entrado numa favela, primeira vez. A gente tinha uma... todo mundo recebia a gente muito bem, nós éramos muito bem tratados. Me lembro que eu...

H.B. - Foi uma experiência então, de mais quem estava no CBPE nessa época? Oracy foi colega de turma do Darcy na Escola Livre de São Paulo.

A.A. - Eu tive contato com Roberto Cardoso que em um primeiro momento Roberto era de lá também, eu trabalhava com Oracy Nogueira. Lá trabalhava Klaas Woortmann, vocês conhecem, eu trabalhava com Maria Laís Mousinho, até hoje está lá em Brasília, Maria Luisa de Carvalho Proença, enfim, tinha muito gente. Eu me lembro... Aydano Couto Ferraz, outro dia lembrei disso porque o Aydano era da parte de redator, ele era um cara importantíssimo como jornalista dos jornais comunistas. Ele trabalhava lá. Paulo Alberto Monteiro! Paulo Alberto era de lá, sei lá, era...

H.B. - Era uma efervescência...

A.A. - O Darcy era aquela coisa, todo dia ele chegava com uma ideia, com uma coisa, sabe? Aí saiu de lá, o Roberto foi para o Museu Nacional para implantar o programa de pós-graduação no museu. Aí essa coisa continua, eu trabalho com essa gente toda, esse entusiasmo todo, até que o Darcy vai embora criar a Universidade de Brasília. Aí o CBPE se acaba.

C.C. - Não fica ninguém no comando?

A.A. - Ele não quer botar ninguém, a gente quer botar nome, a gente pensa... Não, Darcy acabou aquilo.

H.B. - Mas ele dizia que era para acabar ou ele dizia que ia continuar?

A.A. - Não, nunca, jamais. Não, ia continuar, “Vamos pensar...” mas nunca botou ninguém para substituir ele e aquilo ficou meio...

H.B. - Foi esvaziando.

A.A. - Esvaziado, não é?

C.C. - Aí ele foi para a Casa Civil depois, ficou no governo...?

A.A. - Casa Civil, Ministério da Educação, aquela coisa toda. O problema todo é que veio 64. Quando veio a revolução o CBPE ficou muito visado porque era o órgão do Darcy Ribeiro.

H.B. - E um núcleo de professores também...

A.A. - Eu me lembro que no dia que eles invadiram o ISEB que era ali em Botafogo, o CBPE era ali na Voluntários da Pátria. Eu me lembro que se temeu que os militares iam também invadir o CBPE. Agora, ele não foi invadido porque ele era dirigido pelo Péricles Madureira de Pinho que era um nome famoso, família da parte de finanças. Mas o Dr. Péricles nos chamou

e mandou a gente ficar calada porque não podia falar nada, não podia abrir a boca. A pressão contra a gente começou a ser muito grande. Eu me lembro que botaram uma nota no jornal com o meu nome dizendo que os comunistas continuavam ainda no CBPE, coisas assim de provocação. A gente viu que não tinha mais *condição nenhuma* de continuar no CBPE, aquilo já tinha acabado. A gente tentava fazer umas pesquisas, mas não conseguia nada. Aí eu vou contar uma história que é engraçada. Eu fui procurar o Roberto Cardoso, que era aquela pessoa que eu gostava muito, tinha conhecido... quando ele trabalhava no CBPE e eu fui pedir: “Roberto, agente tem que sair do CBPE, arruma uma forma da gente sair”. “Vou pensar, fique calma...”. Aí depois ele me chamou e disse assim: “já sei, você vem para o museu fazer o curso de pós-graduação que eu estou montando de Antropologia.”. Eu disse: “Roberto, eu não entendo nada de índio, não gosto de índio.” Ele disse: “Sua ignorante, imagine se antropólogo só trabalha com índio!”, eu fui e disse: “Só trabalha com índio, não quero trabalhar com índio”. A minha visão era que Darcy, Roberto só trabalhavam com índio. Eu me lembro ele me dizendo: “sua ignorante, como diz uma coisa dessa? Antropólogo não trabalha só...” “ah, não quero trabalhar com índio”. Aí ele foi procurar Luciano Martins que estava montando um grupo no Instituto de Ciências Sociais de Pesquisa, para nos aceitar, mim e Maria Luísa. Aí me chamou e falou: “vai procurar Luciano Martins”, era aqui na Marquês de Olinda, “vai procurar Luciano, que Luciano está montando uma pesquisa...” Lá fui eu, em setembro de 64, por aí.

C.C. - Só para voltar um pouco antes, apesar de você não gostar de índio, você tinha dado aula na PUC, na Santa Úrsula de Etnologia...

A.A. - Etnologia. Mas eu não dava... era assistente do Dr. Manoel Diégues, aqui na Santa Úrsula e na PUC, eu dava, mas não era... Gente, naquela ocasião, você em 64, a gente estava em plena efervescência política, querendo trabalhar com sindicalismo, com não sei o quê, aí ir para o museu, eu dizia: “trabalhar com índio, não tem nada a ver comigo.”

C.C. - Mas essa experiência sua de professora assistente de Etnologia nos dois lugares, ficou durante uns três anos?

A.A. - Três anos, é, aqui na coisa, é. Foi bom.

H.B. - O que era o curso de etnologia?

A.A. - Eu dava aula assim, aquelas coisas, dava aula de...

C.C. - Manoel Diégues era o professor catedrático?

A.A. - Ele era catedrático, eu era assistente dele.

C.C. - Queria perguntar mais antes de passar de 64, sua graduação, já havia alguma mobilização política, alguma discussão a respeito disso? Como era na faculdade?

A.A. - Existia, existia. Porque o diretório, eu me lembro, já começava uma discussão grande política. O Partido Comunista era forte dentro da... Gente, eu fui colega, agora vamos lembrar. Fui colega de Wanderley Guilherme dos Santos, Carlos Estevam Martins, sabe, essa gente toda era da Filosofia, que faziam a maior, era um grupo muito importante dentro da faculdade, e nós girávamos um pouco, nós de História, em torno desse grupo da Filosofia. Não chegava, eu não, sei lá, eles eram...

H.B. - É interessante isso, que a mobilização vem da Filosofia.

A.A. - Era o grupo da Filosofia, eu me lembro disso. Fausto Cupertino, Wanderley, Carlos, aquele Zé Américo.

C.C. - Motta Pessanha.

H.B. - Agora, tudo muito em torno do Vieira Pinto, aquela turma toda que ficava em torno do Vieira Pinto.

C.C. - Na faculdade você já tinha uma atuação política?

A.A. - Não, fazia parte das assembleias, mas não tinha atuação política nenhuma.

H.B. - Mas Alzira, a sua tese, mais tarde um pouco, vai ser sobre o ISEB. Você acha que tem um vínculo entre esse ambiente universitário e depois você quer entender aquilo, não?

A.A. - Tem, tem. Depois, pós 64, quando eu venho trabalhar com Luciano Martins, aí é um período que a gente discute muito o Brasil, lá dentro com Luciano, discute muito o Brasil. Eu me lembro desse período, a gente está vivendo em pleno... Eu fui de 64, a gente pega 68, passeata dos Cem Mil, tudo isso a gente faz ali.

C.C. - Mas no Iseb você chegou a participar, assistir?

A.A. - Eu fui assistir alguns seminários no ISEB. Eu era ainda do CBPE quando... Eu fui lá no ISEB, participei, mas assim...

C.C. - Como era o ISEB? Você assistia palestras?

A.A. - Assistia umas palestras, me lembro que tinha umas palestras lá, exatamente do grupo do Wanderley, do Carlos Estevam Martins, que eu me lembro que assisti uns seminários, que a gente ia lá assistir sobre Brasil, desenvolvimento do Brasil, sobre nacionalismo, essa coisa toda.

C.C. - As discussões da época.

H.B. - Isso é interessante porque nesse momento, no Rio, você não tem os núcleos de pós-graduação, não era isso, e a pesquisa no Rio, então, se fazia então assim, você tinha o CBPE, você tem o Iseb, tem...

A.A. - Depois tem o Instituto de Ciências Sociais, acho que ali com o Luciano Martins, Maurício Vinhas de Queiroz, eu acho que ali tem um grupo importante. Ali é importante a pesquisa; de novo, eu vou ter contato com o pessoal de São Paulo, porque através de Luciano, Luciano monta a pesquisa sobre a burguesia, era toda a discussão, depois de 64 se existia burguesia, se não existia burguesia, aquela discussão.

C.C. - Você encontra também o Gilberto Velho, não é?

A.A. - Aí o Gilberto trabalha com Mauricio Vinhas de Queiroz, ele trabalhava com a Stella do Amorim e no meu grupo tinha, um grupo grande, vai trabalhar Alba Zaluar, aquele menino que hoje é da Flacso, Ayrton Fausto.

C.C. - O Philippe Schmitter estava?

A.A. - O Schmitter passa por lá, algum tempo conheci o Schmitter, vinha muita gente de São Paulo. Fernando Henrique vinha discutir a teoria da dependência, me lembro disso, a discussão, lá dentro já do instituto. Primeiro, era dirigido pelo Dr. Evaristo, quando eu fui para lá foi o Evaristo que... depois é que vem a D. Marina.

H.B. - E de onde te apoio para a pesquisa nesse momento?

A.A. – Era Inep...

H. B. – O CBPE teve um tempo do Inep, mas os outros núcleos?

A.A. – O que?

H.B. - A pesquisa, por exemplo, do Luciano Martins, quem..?

A.A. - A Universidade Federal do Rio de Janeiro, porque o instituto era da UFRJ. E era mantida por lá. Agora, acho que Luciano tinha também uns financiamentos, agora não estou lembrando... Assim, ele buscava financiamento de algumas instituições, hem. Uma vez comprou uma quantidade enorme... americano, uma coisa não sei se Fundação Ford, alguma coisa assim que deu dinheiro para fazer pesquisa, para comprar livro. Eu me lembro teve algumas coisas, que ele foi para os Estados Unidos.

C.C. - Mas antes de entrar na carreira, vamos dizer, já futura UFRJ, você mencionou 64 muito *en passant*, como você vivenciou 64? O que significou aquilo?

A.A. – Ah, pra mim aqui foi um negócio muito... Foi um choque muito grande porque a gente era muito... Eu trabalhava muito ao lado do pessoal do PCB. Como é o nome daquele cara que trabalhava no CBPE? Agora não lembro o nome, que era uma liderança do PC. E a gente tinha uma atuação assim... o que era a atuação? Discutir, conversar, era muito isso, participava de algumas reuniões. Eu não tinha carteirinha do PCB, mas eu participava de algumas... Conheci muito algumas das grandes lideranças do PC. A gente discutia muito, estava tudo ligado a nacionalismo, desenvolvimento, essa coisa toda. Eu participava disso.

C.C. - Mas foi uma surpresa o golpe ou falta de reação?

A.A. - Foi, foi uma surpresa. A gente nunca... Sei lá, eu me lembro assim, no dia 31, meu pai ficou horrorizado, eu saí com uns amigos e fomos todos para a Cinelândia, a gente queria fazer alguma coisa. Meu pai: “vai morrer, vem para casa, não fica na rua...”. Aí cheguei na rua, fui encontrar com as pessoas, as pessoas diziam, “volta para casa porque não tem nada a fazer”. A UNE tinha pegado fogo, era uma desgraça total. Era um negócio *tão ruim* para a gente quando a gente viu aquilo. E eu me lembro, eu na Cinelândia encontrando com umas pessoas, dizem assim “vai para casa que não tem nada a fazer, não tem movimento nenhum”, a gente pensava que ia ter um grande movimento contra, não teve *nada*. Aí me disseram: “botaram fogo na UNE...”. Acabou.

H.B. - E o pós isso, tem esse choque, você de alguma maneira estava engajada em alguma pesquisa, mas e o impacto de 64 sobre esses núcleos?

A.A. - Aí é uma coisa horrível. Porque você fica sabendo fulano foi... Primeiro as pessoas eram presas e tal, algumas pessoas que eu conhecia, mas foram logo soltas, nada assim muito importante. Não me lembro nada... A coisa pior vai ser depois de 68. Aí a gente conhece, aí eu sei de algumas pessoas.

C.C. - Nesse período de 64 a 68, você está no Instituto de Ciências Sociais?

A.A. - Aí eu venho para o Instituto de Ciências Sociais.

C.C. - Como pesquisadora ou dá aula também?

A.A. - Ali eu só faço pesquisa, aí estou com pesquisa com Luciano Martins.

C.C. – E o tema de pesquisa?

A.A. – Primeiro, a pesquisa dele era sobre burguesia industrial. Eu me lembro que foi um período também muito importante porque se trabalhava com... A gente entrevistava os empresários, a gente trabalhava com os empresários, eu me lembro que a gente fazia um levantamento nos diários oficiais para tirar todas as empresas, número de empregados, quanto a empresa tinha, era tudo no *Diário Oficial*. Depois o Luciano fez... – me lembro que Fernando Henrique, essa gente toda ia para lá, discutia muito – fizeram um formulário para aplicar aos empresários. E aí a gente contratou muitos bolsistas e aí vem Celina Moreira que na ocasião era Vargas do Amaral Peixoto vem trabalhar como estagiária, ela vai aplicar também... Vem muita gente nesse período que vem...

C.C. - Celina tinha feito Ciências Sociais?

A.A. - Ela estava fazendo Ciências Sociais na PUC. Vem ela, vem Ana Maria Roiter, vem a Laís, Laizinha, essa gente toda vem trabalhar nessa pesquisa do Luciano. Já trabalhava Alba Zaluar, já trabalhava o Ayrton, trabalhava o Cléber, esse depois morreu.

C.C. – Luizinha é Maria Luiza de Carvalho Proença?

A.A. - Maria Luiza veio comigo do CBPE.

C.C. - A Luizinha que você falou é ela?

A.A. - É, Maria Luiza vem trabalhar...

C.C. - Maria Luiza de Carvalho Proença.

H.B. - *Laizinha*. Essa é outra.

A.A. - A *Laizinha* é outra.

C.C. - Ah, é outra? Ah, está bom.

A.A. - Como é o nome dela?

H.B. - Tem como recuperar.

A.A. - A gente chamava *Laizinha*.

C.C. – A gente recupera. Mas, então, você passou quatro anos, vamos dizer, no Instituto de Ciências Sociais?

A.A. - Aí eu acho que é importante. A gente trabalha, primeiro, nessa pesquisa sobre empresários e depois o Luciano monta pesquisa sobre as decisões estratégicas para o desenvolvimento, que são: Volta Redonda, Petrobrás, BNDES, indústria automobilística e tal. Para estudar essas dez decisões, eu e Maria Luiza ficamos encarregadas de estudar a criação da indústria siderúrgica Volta Redonda. E aí que eu fui consultar os arquivos da d. Alzira ali na praia do Flamengo, D. Alzira e o senador moravam ali e consultar os arquivos do Vargas, porque a criação de Volta Redonda está ligada ao período Vargas. Então me lembro que a gente chegava lá, chegava depois do almoço, que ela dizia assim: “quando acabou de tirar a mesa do almoço e tinha que sair antes de botar a mesa do jantar.” Isso era ordens da D. Alzira. Aí a gente chegava entre duas e tinha que sair antes das seis.

C.C. - Celina ia junto?

A.A. - Não, Celina não trabalhava nessa pesquisa. Era eu e mais Maria Luiza que fazíamos esse levantamento. Que foi uma monografia que serviu depois para tese de doutorado do Luciano, na França. Foi durante essa pesquisa que a gente fazia que começou a ideia – já estava

68, aquele negócio horrível, eu me lembro que a gente estava ali no instituto, os alunos da antiga FNFi, já tinham vindo para cá, já tinha virado Ifcs, mas ainda era aqui, era lá atrás.

C.C. - Na Marquês de Olinda?

A.A. - Na Marquês de Olinda. A polícia invadia aquilo todo dia, os alunos faziam greve, era uma confusão *horrível*. E foi aí que o Luciano decidiu, vamos sair do Brasil, para eu ir para a França. Luciano se candidata para ir fazer o doutorado na França, o dele é doutorado de estado e eu me candidatei... Aí Celso Furtado foi uma pessoa que me ajudou muito, o Celso Furtado vai me ajudar, ele estava já exilado na França, onde eu vou fazer meu doutorado. Aí eu vou fazer o doutorado com François Bourricaud com uma bolsa do governo francês.

C.C. - Mas isso já é após 68?

A.A. - 69 que eu vou embora.

C.C. - Mas é 68 como foi vivido? Foi diferente de 64?

A.A. - Ah, a mesma coisa, 68 a mesma coisa. Aí a gente fazia aquelas passeatas. Eu fui para a passeata dos Cem Mil. Me lembro, Gilberto, a gente tinha uma atividade... Era muito mais de conversar entre nós, de ficar revoltado contra as coisas. Ali no instituto, os meninos faziam greve, invadiam, aí vinha a polícia entrava. A gente escondia os meninos na nossa sala, os alunos, era uma confusão horrível. Era insuportável, meio assim, a gente conviver com aquilo. Foi aí que a gente disse: “vamos embora, vamos fazer, vamos estudar”. Eu resolvi sair, ir embora para a França, Luciano também foi.

C.C. - E como se obtinha a bolsa da embaixada da França?

A.A. - Aí me candidatei. Engraçado foi o seguinte: que primeiro eu estava a fim de fazer, aí eu fui e me candidatei... Eu fui para a USP me candidatei a uma bolsa de mestrado na USP, quem era meu orientador era Maria Alice Foracchi. Aí eu fui, fiz, me aceitaram, tudo direitinho. Nisso o Luciano começou a meter na cabeça, e o Celso Furtado lá da França, “saíam do Brasil, vem

para cá”, aí eu fui e me candidatei a uma bolsa no governo francês, já apresentei todos os documentos, papéis, obviamente que o dr. Evaristo deu uma cartinha me recomendando, enfim, fui aceita para ir para a França fazer...

H.B. - Era um doutorado em Ciências Sociais?

A.A. - Em Ciências Sociais.

H.B. - E você sentia que havia uma mudança, uma graduação em História e uma pesquisa forte em Ciências Sociais?

A.A. - É, porque eu senti o seguinte, quando eu fui trabalhar no CBPE com o Darcy e com Oracy, eu já comecei a ler muita coisa sobre Antropologia. Já tinha começado a entrar muito nisso, mesmo em Sociologia. Quando eu vou trabalhar com o Luciano aqui no instituto, a gente tinha muitos seminários que era obrigado a ler, aí Luciano obrigava a gente... Eu me lembro que a gente tinha uns seminários uma vez por semana a gente tinha que ler um texto, discutir; li Weber, aquelas coisas, Durkheim, começamos a ler essas coisas, que fez parte. A gente tinha que ler e discutir.

C.C. - Você embarcou para França quando?

A.A. - Eu fui em junho de 69.

C.C. - Bom, primeiro semestre de 69 a situação política já tinha endurecido muitíssimo aqui.

A.A. - Aqui já. Estava muito ruim.

C.C. - E discussão sobre luta armada, você participava disso?

A.A. - Já se falava, mas ainda não era uma coisa assim conhecida, mas, por exemplo, eu sei desse menino que trabalhava conosco, o Cléber, era um menino de direita, a gente excluía muito ele porque era um menino que defendia muito a direita, etc. De repente esse menino...

Trabalhava conosco também Lincoln, agora não lembro direito o nome que era um cara bem da ativa da esquerda, e ele convence o Cléber a entrar... Eu não sei direito, só sei que eu estava na França que a gente soube que a polícia matou o Cléber. E a gente ficou muito espantada porque o Cléber é um menino de direita, como esse menino vai para a esquerda! A polícia pegou e matou esse menino. A gente sofreu muito por isso porque era um menino... Bom, 68 já era um período... Yedda foi presa, eu me lembro da gente sabendo da prisão dos amigos da gente, Marina Vasconcelos foi presa, já nem me lembro. Era uma coisa horrível, todo mundo sabia, fulano foi preso... Mas essas pessoas eram presas e soltas imediatamente, não era uma coisa assim. Era humilhante para eles, etc. A tortura começa depois. Aí eu já estava na França.

A.A. - Aí quando eu chego na França, o que tinha de exilado era uma loucura! Você só tinha contato com os exilados, não é? Estava tudo lá, tinha muita gente. Tinha um grupo que tinha ido para Argélia, mas que vinha muito a Paris, que a gente conhecia, a família toda do Arraes, conheci muito o menino que foi aqui depois da Casa Rui. Como é o nome do presidente da Casa Rui, o Arraes, o filho do Arraes? José Almino! conheci muito Zé Almino em Paris. Zé Almino vinha da Argélia. A Yedda vai para Paris, a casa da Yedda é um lugar onde a gente encontrava todo mundo.

H.B. - Você morava aonde?

A.A. – Eu morava no *sixième* em um apartamentinho muito simpático na *rue de Regard*, e eu tinha um apartamentinho lá, um *studio*, morava lá.

H.B. - Que você tinha essa bolsa do governo francês e tinha ajuda ainda?

A.A. - Eu tinha o meu salário do ICS que hoje é Ifcs. Eu tive uma licença com remuneração.

C.C. - Esse era o doutorado era *troisième cycle*.

A.A. - *Troisième cycle*. Aí eu vou para lá...

C.C. - Como era o doutorado, você tinha aulas, eram palestras, orientação?

A.A. - Não, você tinha obrigação... Olha, vou dizer, não fui eu que escolhi meu orientador, François Bourricaud que foi meu orientador. Era um sociólogo que tinha uma pesquisa muito importante sobre Peru, ele tinha trabalhado muito com América Latina, etc. Todo mundo que saía do Brasil ia fazer tese com Alain Touraine. Aspásia, Andréa Loyola, tudo ia para o Touraine, eu fui para o Bourricaud. Aí você era obrigado também a fazer outro... Bom, o seminário do Bourricaud você era obrigado a assistir, e ele me deu opção, ou eu assistia na Sorbonne, eu estava matriculada na Sorbonne, ou fazia na *Science Politique*, eu quis fazer na *Science Politique*. E fiz os cursos do Raymond Aron, conheci muito o professor Raymond Aron, fiquei encantada com ele. Quando eu me candidatei ao seminário dele, ele me chamou para uma entrevista para saber se me aceitava ou não. Aí ele falou: “porque a senhora quer fazer meu seminário, etc e tal?” Aí eu expliquei que estava estudando, que ia fazer um estudo sobre Iseb. Fiquei impressionada, ele sabia tudo sobre o Iseb, sobre Jango, sabia tudo. Sabe assim: “ah, a senhora vai fazer um estudo sobre...”, quando eu falei ele *sabia tudo*. Bom, então fiz os cursos com o Raymond Aron, comecei a fazer uns seminários com Pierre Bourdieu, mas larguei, não gostei. Logo assisti umas aulas do Bourdieu num primeiro tempo, não me disse grande coisa, não. Bom, fiz isso...

H.B. - Mas era seminário sobre o que, teoria sociológica?

A.A. - É, teoria sociológica.

H.B. - Como do Aron?

A.A. - O Aron trabalhava...

H.B. - Também era teoria ou não?

A.A. - Era muito interessante. O Aron trabalhava todos os clássicos da Sociologia e pegando um acontecimento que era Maio 68. Ele analisava o maio de 68 através de Marx, Weber,

Durkheim, todos, como cada uma deles tinha a contribuição para analisar Maio de 68. Era impressionante.

C.C. – E personagens que depois vão ficar muito mais famosos como Foucault, Althusser?

A.A. - Eu fui um dia assistir um seminário do Althusser, que era lá em *Vincennes*. Olha, aquilo era um caos. Tinha gente pendurada na janela assistindo, *era uma bagunça*” Eu assisti aquilo duas vezes e disse: ”isso não tem nada a ver”. O homem falava...

H.B. - Era microfone?

A.A. - Era microfone. Era uma bagunça, mas era gente, vocês não podem imaginar o que era o Althusser. Eu fui embora. Nunca mais voltei. Fui duas vezes. Primeiro era longe, em Vincennes, e depois aquilo era meio confuso, bom. Teve um outro professor que agora não me lembro o nome, que eu comecei a fazer também curso dele na Sorbonne, também, era uma discussão dos maoístas contra os anti-maoístas, era uma briga, que eu me lembro um garoto pegou uma cadeira e acertou no outro. Eu disse, não volto mais aqui. Fui embora. Mas era ainda... Eu cheguei lá em 69, ainda era muito... um negócio muito...

H.B. – De 68...

A.A. - 68. Gente, as pessoas questionavam o Raymond Aron o tempo todo.

H.B. - Porque não era o Sartre, não é?

A.A. - Ele virava para o aluno, o aluno que estava questionando, ele dizia assim: “*monsieur, je suis un réactionnaire, ce que vous voulez?*” “Eu sou um reacionário, o que você quer?” Ele dizia isso, o aluno ficava sem graça, porque ficavam questionando ele... Um dia um garoto começou a questionar, questionar, ele disse assim: “eu sou um reacionário, eu sei, você está me dizendo isso, por que você veio fazer meu curso?” Sabe? Ele era muito assim. Aí tirava a pessoa... A pessoa ficava sem graça.

C.C. - Bom, agora com a área mais de Filosofia, já que aqui você tinha convivido na graduação muito, Sartre, Foucault, essas pessoas não...

A.A. - Não, nunca fui...

H.B. - Mas esse era um momento que também na França diziam que era melhor errar com Sartre a acertar com Aron, havia essa...

A.A. - Não, todo mundo criticava muito o Aron.

H.B. - Porque o Aron era muito crítico de 68.

A.A. - Estou dizendo, os *alunos* questionavam ele o tempo todo.

H.B. - Exato, e o tempo mostrou depois que a reflexão dele era muito mais realista, mas mesmo assim a esquerda dizia isso, prefiro errar...

A.A. - Aron era uma figura, adorei.

C.C. - O René Remond você conheceu também lá nessa época?

A.A. - René Remond conheci, mas não fiz o seminário dele. A gente passava, por que tinha muito assim, fulano está fazendo um curso com fulano, às vezes assistia um seminário, outro, mas...

H.B. - Mas era livre assim, podia entrar e assistir uma sessão?

A.A. - Podia, podia. Agora, só se você estivesse inscrito você tinha um certificado, fora disso não.

C.C. - E a relação de orientação tinha encontros periódicos?

A.A. - Ah, tinha. O meu orientador controlava muito. O Bourricaud, ele chamava... Você tinha que ler. Aquelas coisas, eu estava fazendo um trabalho sobre Iseb, ele decidiu que eu tinha que fazer um estudo sobre grupos de interesse, grupos de influência. Eu tinha que ler *tudo* sobre aquilo e ele me cobrava: o que a senhora já leu, o que não leu? Aí discutia comigo, sabe? Era...

C.C. - Como você conseguiu fazer a tese sobre ISEB estando fora do Brasil, sem fontes?

A.A. - Aí eu vim ao Brasil numas férias lá na França, levantei... Espera aí, primeiro, tinha muita gente que passou por lá, eu entrevistei muita gente: Hélio Jaguaribe, essa gente, passou por Paris, eu aproveitei para entrevistar: Darcy Ribeiro, Costa Pinto, sabe assim, pessoas que passavam muito por lá nessa ocasião que dava... Depois eu tirei umas férias, vim ao Brasil e entrevistei o pessoal do Iseb aqui. Aí entrevistei Roland Corbisier, Candido Mendes, fiz... e depois eu não defendi, quando eu vim embora...

C.C. - Quando você voltou ao Brasil?

A.A. - Eu voltei em 73. Porque aí que é também uma coisa importante. Quando eu chego na França tem essa turma toda que está lá. Tem também o grupo Aspásia, Celina, Wellington, todo mundo está lá.

H.B. - Celina você reencontra lá.

A.A. - Reencontro lá.

H.B. - Mas Aspásia você já conhecia?

A.A. - Eu já conhecia daqui também. Ela tinha trabalhado comigo no CBPE. E aí a gente começa a conversar muito na França, eu acho assim, a ideia do CPDOC nasce lá. Por quê? Na França tinha uma facilidade de ter acesso a informações sobre a França que a gente não tinha no Brasil. Eu me lembro que a gente discutia muito isso. E eu tinha tido a experiência de ter trabalhado no arquivo de Getúlio Vargas, antes de ter isso para a França, para fazer a pesquisa sobre Volta Redonda. Luciano Martins muito crítico, dizia assim: “historiador brasileiro não

trabalha, não produz nada”, porque você queria saber alguma coisa da história do Brasil nessa ocasião, você não tinha. Você tinha, nessa ocasião, já o Hélios Silva trabalhando... era época do Hélios Silva trabalhando na casa da d. Alzira copiando o arquivo todo do Vargas. Mas você não tinha material nenhum. Se você queria fazer algum estudo você tinha dificuldade de obter, enquanto que na França você tinha facilmente acesso a informações sobre a história da França, sobre vários períodos. E a gente discutia muito isso lá: Celina, Aspásia, Wellington [Moreira Franco], a gente conversava muito. E Luciano, porque Luciano era o crítico: “historiador não trabalha...”

C.C. - Você volta em 73, no início?

A.A. - 73. Mas eu não tinha ainda defendido a tese.

C.C. - Que época de 73, no início, meio, fim?

A.A. - Eu chego aqui em junho de 73.

C.C. - É quando é criado o CPDOC.

A.A. - CPDOC. Aí a gente conversava muito, Celina me escrevia dizendo que estava querendo criar o CPDOC. Ela me escrevia, aí a gente respondia e tal. Quando eu chego ela tinha já criado o CPDOC. Estava criando.

C.C. - Era tudo Indipo, que era o Instituto de Direito Público e Ciência Política, dr. Afonso Arinos.

A.A. - Um centro ligado ao Indipo.

H.B. - Por isso que o CPDOC chama Dr. Temístocles, e por isso que o CPDOC se chama centro.

A.A. - Era o instituto. E aí eu me lembro que Celina resolve criar o CPDOC junto com a Aspásia, que também tinha voltado. Vim conversar com a Celina, ela me chamou.

C.C. - Mas o grupo original que veio para o Indípo, na época, era Celina, Aspásia já veio no primeiro momento. Tinha mais alguém junto?

H.B. - Maria Celina como bolsista, não é?

C.C. - Maria Celina foi estagiária da Celina.

A.A. - Eu me lembro que veio Israel. Israel vem também que era casado com a prima.

C.C. - Israel Beloch. Israel era casado com?

A.A. - Com Edith, que é prima da Celina. Foi criada pela D. Darcy. Não, foi criada pela D. Alzira. O Getulinho é que foi criado pela D. Darcy, a Edith foi criada pela D. Alzira. Eram irmãs praticamente, Celina com Edith. Mas aí eu lembro que a Celina apresentou as opções, que eles estavam montando o CPDOC, que eu podia ir trabalhar: com a Aspásia na pesquisa – a Aspásia estava montando um grupo de pesquisa –; com a História Oral – que a Aspásia também estava montando a História Oral –; com a documentação, que era a Anita.

C.C. - Anita Murakami, ou era Célia Camargo?

H. B. – Não, a Célia veio depois.

A.A. – Não, essa daí veio depois, era a Anita Murakami. Israel Beloch estava montando um dicionário. Aí, aquela ignorância de “ninguém sabe nada do Brasil...” aí fui conversar com o Israel, fiquei encantada com a ideia de um dicionário da história do Brasil. Aí o Israel na mesma hora: “você quer ficar com a parte de partidos políticos?”, fiquei com tudo. Aí fiquei com a chamada temática do dicionário.

C.C. - Instituições, eventos...

A.A. - Instituições, eventos, tudo, acontecimentos, tudo ficou comigo.

C.C. - Quando você voltou para o Brasil, imediatamente você voltou a dar aula?

A.A. - Não, aí é que foi o problema. Eu, quando voltei... Antes o instituto era só pesquisa, quando ele muda para o Largo do São Francisco, que ele vai ser Ifcs mesmo, porque saiu daqui, aí vira, não tem mais pesquisa, aí só vai dar aula. Eu me lembro que cheguei, fui me apresentar, fazer pesquisa. Era aquele Eduardo, professor de Filosofia, que era o diretor: “a senhora vai dar aula”, eu digo: “não, eu sempre fiz pesquisa”, “aqui não tem nada de pesquisa, acabou a pesquisa”.

C.C. - Aí você foi dar aula de?

A.A. - Fui dar aula de Sociologia. Não tinha outro jeito, eu era funcionária, estava voltando, assumi dar aula lá no instituto...

H.B. - Um ambiente já completamente diferente, porque 75, 74.

C.C. - Você vem para o CPDOC em 75?

A.A. - É. Aí eu venho. Em 75 que eu defendo minha tese, em janeiro ou fevereiro de 75 eu defendo minha tese. Aí acabei a tese porque vim, acabei de fazer o levantamento, escrevi a tese aí fui defender a minha tese lá na Sorbonne, aí assumi aqui o dicionário.

C.C. - Dividindo já com Israel?

A.A. - O Israel. Israel ficou com a parte biográfica e eu com a parte temática.

C.C. - Como era vista essa experiência do CPDOC, que era trabalhar com fontes, basicamente criar fontes, tanto orais quanto arquivos, organizar...?

A.A. - Aí depois foi chegando gente, foi chegando a Helena, a Lúcia vem para dirigir a pesquisa, vem a Ângela, forma-se o grupo da pesquisa.

H.B. - O grupo da brasileira...

A.A. - O grupo da brasileira, forma o grupo da História Oral, fica o dicionário e fica o grupo da documentação.

C.C. - Quando eu entrei em 83, como estagiário, já tinha dez anos, tinha acabado de ter a festa dos dez anos, não cheguei a pegar, mas eu me lembro que vocês falavam muito desses anos iniciais, como anos em que eram muito criticados, como fazendo uma história menor, como sendo uma coisa muito empírica, positivista, como era esse clima nos primeiros anos? Quem criticava e por quê? Como é que funcionava isso?

A.A. - Aí eu terei que pegar um pouco isso. Mas me lembro que o pessoal, os cientistas políticos, os cientistas sociais criticavam muito a gente. Se a gente pegar... eu sou capaz até de ter isso, *saiu escrito artigos em jornal* criticando o trabalho da gente, dizendo que a gente fazia pesquisa com...Sabe? Isso era malvisto.

C.C. - Com elites ou pesquisa...?

A.A. - Com elites. Primeiro, a gente trabalhava com elite, primeiro tinha esse erro da gente, chamava, trabalhava... “O dicionário da elite política brasileira...” Lembra-se, a Helena sabe melhor isso do que eu. Aspásia, todo mundo estava muito interessado em explicar 64, porque a gente vai dizer que *os tenentes* tinham tomado o poder em 64. Me lembro muito dessa discussão. Aí era muita necessidade de se voltar para 64, todo mundo queria voltar para 30. Tinha que explicar 30 para poder entender 64. E a gente ia e estudava. A gente era mal visto.

C.C. - Mas pela área de História, também não era comum fazer história contemporânea?

A.A. - Era mal visto fazer história contemporânea, era mal visto trabalhar com documentos, fontes...

H.B. - História de atores... A História era muito mais estrutural como Ciências Sociais também.

A.A. - O que me lembro, que era importante também, que os brasilianistas começam a valorizar o CPDOC. Eles chegam e começam... Mas os brasilianistas eram muito criticados também, porque eu me lembro que eles publicavam os livros e todo mundo dizia que eram umas porcarias, que só faziam contar acontecimentos, estudos de acontecimentos, criticavam muito os estudos dos brasilianistas. Enfim, a gente sofria muito dentro e fora. Porque dentro também, se a gente vai falar, a gente era muito mal vista aqui dentro da Fundação [riso]. Lembra? Porque nós éramos todos comunistas.

H.B. - Para dentro era comunista, para fora era empirista, então não tinha muita...

A.A. - Eu me lembro que a gente aqui, quantas confusões a gente arrumou aqui dentro porque a gente era vista como comunista, faziam levantes. A Helena fez umas reivindicações, criar associações, aí foi chamada, a Celina foi chamada, “demite, tudo comunista”, eu me lembro que era uma confusão, horrível. E eu me lembro que uma vez o dr. Afonso Arinos, que era uma figura maravilhosa, já era...

H.B. - Que dirigia o Indipo.

A.A. – Dirigia o Indipo. Ele me chamou e disse o seguinte: “eu fui falar com o dr. Simões Lopes e eu disse que o trabalho de vocês é maravilhoso, que vocês são umas meninas muito trabalhadeiras”, isso é palavra que ele usou, “as meninas trabalhadeiras”, “...mas o dr. Simões Lopes sabe o que ele me disse? ‘cuidado, não se entusiasme muito com essas meninas não, são todas comunistas’”, era assim que a gente era vista, era muito... E tinha que segurar tudo que a gente pedia, tudo que a gente pedia...

C.C. - E quem que montou mais a equipe? Foi Celina, a Aspásia ou as duas juntas, quem convidava, chamava?

A.A. - Acho que a Aspásia ficou muito mais voltada para a área de pesquisa, Celina ficou mais voltada para a área de documentação, Aspásia também com a parte de história oral e nós aqui do dicionário... Agora, era verdade, quando outro dia estava pensando nisso, chamavam a gente de comunista; o dicionário só tinha ex-guerrilheiros, gente! César Benjamim, Cid Benjamim, Dulce Pandolfi, tudo ex-guerrilheiro. Quando eles dizem que é tudo comunista, a gente achava um absurdo; quando a gente olha hoje, eles tinham razão [risos]... Era uma *tchurma*... o Israel.

H.B. - E, por exemplo, a pós-graduação do Iuperj foi uma fonte de recrutamento enorme. Eu vim aqui por um curso com a Aspásia, lá no mestrado.

C.C. - Mas quando você volta em 75, abertura... você sente um clima diferente?

A.A. - Já, a gente já tem condições... Na rua, de conversar, já é diferente daquele antes que era um medo. Eu fiquei fora, esse período pior eu fiquei fora. Então eu não peguei esse período mais duro que foi 69 a 73, 74. Estou fora do Brasil, vim aqui muito rápido, mas eu me lembro das pessoas que chegavam na França contando que era insuportável. E mesmo quando eu volto, que eu vou para o Ifcs, as pessoas “cuidado, não fala com fulano porque fulano é...”

C.C. - *Alcaguete*, dedo duro?

A.A. - É. Caras assim da secretaria, da biblioteca, “não fala nada com fulano, cuidado com o que você vai dizer...”. Era difícil você conviver, porque você ficava sempre com medo, não sabia com quem estava falando. Mas enfim, era isso. Aí fiz, trabalhei no dicionário, acabei o dicionário eu voltei para a França.

C.C. - Primeira edição do dicionário terminou em 83...

A.A. - 83. A gente acaba o dicionário em 83, eu vou para a França de novo. Aí eu já estava casada com francês, aquela coisa toda, porque casei com francês.

C.C. - Você conheceu na época do doutorado?

A.A. - Conheci lá, da primeira vez, quando estava lá, e aí eu volto para a França para trabalhar em um grupo que estava fazendo um estudo sobre América Latina, onde estava Daniel Pécaut e estava Luciano Martins, de novo.

C.C. – O Instituto de História do Tempo Presente (IHTP) já existia?

A.A. - Já, mas eu tinha pouco contato ainda com eles.

C.C. - De alguma forma era parecido com o CPDOC?

A.A. - Eu fiz o curso do instituto com o Bédarida, nesse período que eu estou lá vou para fazer o curso, que é o cara que criou o *Institut d'Histoire du Temps Présent*, o François Bédarida. Eu fiz o seminário dele sobre o que era história do tempo presente.

C.C. - O Michael Pollak já estava lá?

A.A. - Pollak já estava...

C.C. - Ele veio duas vezes depois no CPDOC, não é? Eu assisti.

A.A. - Duas vezes. Eu fiquei muito ligada ao Pollak. Porque foi nesse período que eu estive lá, que todo mundo estava estudando muito Maio de 68, se estudava muito, se discutia muito. A produção intelectual sobre Maio de 68 era muito importante. E eu me lembro que eu discuti com Pollak, com essa gente toda, sobre a guerrilha no Brasil. É aí que eu volto, que aí eu comecei a ler muita coisa sobre a juventude, as gerações. Quando eu voltei, eu quis estudar os guerrilheiros, quando eu volto em 80 e... Eu fui em 83, acho que volto em 85, sei lá, por aí, 84, 85. Aí eu quis estudar os guerrilheiros, aí eu vou bater no Colégio Aplicação, porque eu comecei a estudar os guerrilheiros e comecei a ver que tinha tanta gente que saiu desse colégio Aplicação.

H.B. - Não se socializaram, não é?

A.A. - Eu fui pegar César Benjamin, Cid Benjamin... fui ver... aí comecei a estudar...

C.C. - Acabou virando livro.

A.A. - Acabou virando livro. Eu me lembro que eu discutia muito isso com o Gilberto, porque o Gilberto tinha sido do Colégio Aplicação. Aí eu comecei a entrevistar ex-alunos do Colégio Aplicação que tinham ido para a guerrilha ou não.

C.C. - Agora, Alzira, sobre esse período antes de você ir para a França, em 83, você já tinha retornado em 73 e esses dez anos que são também os dez anos iniciais do CPDOC, em que momento o CPDOC começa a ser mais respeitado?

A.A. - Ai eu não sei, sei que há um momento que gente começa... Eu acho que muita gente vem do Iuperj, a gente começa a contratar muitos ex-alunos, ou estão fazendo...

H.B. - Doutorandos e mestrandos.

A.A. - Doutorandos e mestrandos do Iuperj. Acho que tem uma confluência de interesses entre Iuperj e CPDOC. O CPDOC começa a ser visto diferente. Não sei se é depois...

C.C. - O seminário dos 50 anos, de 1930, da Revolução de 30?

A.A. - A gente fez um seminário importante, convidou pessoas das mais...

H.B. - Guerreiro Ramos estava lá...

A.A. - A gente convidou muita gente importante, que eu me lembro.

H.B. - Foi no Iban, um auditório enorme. Talvez ali. Acho que esse seminário é um seminário importante para isso, naquele auditório grande.

A.A. - A gente convidou muita gente importante para esse seminário.

C.C. - O dicionário é publicado...?

H.B. - Desse seminário foi um balanço...

C.C. - Estou falando, depois que resultou em um livro.

A.A. - Em um livro, é.

[FINAL DE ARQUIVO_pho_1956_alzira_abreu_2012-01-03_01]

C.C. - O dicionário foi financiado pelo Finep?

A.A. - Eu acho que ali tem um papel também importante. Dr. Pelúcio decide financiar o dicionário. Eu acho que aquilo...

H.B. - 79, acho.

A.A. - Tem um papel importante o dr. Pelúcio financiando. Quando sai o dicionário é um negócio assim... Você viu hoje [a coluna d]o Ancelmo?

H.B. - O Ancelmo tem lá três blocos no dicionário. Mas foi porque foi a primeira obra de referência. Eu me lembro que os jornalistas foram os primeiros a dizer “até que enfim”, ninguém vivia sem um dicionário, etc.

C.C. - Agora, Celina ela saiu em 79, 80?

A.A. - Ela vai para o arquivo.

C.C. - Ela se licenciou, teve filho?

H.B. - Mas ela não sai por [inaudível], não. Ela só sai quando assume o arquivo.

A.A. - Ela sai para o Arquivo Nacional, quando ela assume a direção do Arquivo Nacional.

C.C. - Aí quando ela saiu para o Arquivo Nacional você ficou como diretora?

A.A. - Não, eu nunca fiquei como diretora, por que... *não, nunca fiquei*. A Celina saiu licenciada e o dr. Simões disse que não botava nenhum diretor no lugar dela. Eu fiquei como coordenadora geral do CPDOC.

C.C. - Mas já havia saído do Indipo ou não?

A.A. - Não, continuava Indipo. A gente saiu do Dr. Temístocles e foi para Dr. Afonso Arinos. O Afonso Arinos era um amor de pessoa, ele prestigiava *muito* o CPDOC. Eu ia lá, ele dizia “isso é um absurdo que eu tenha que assinar todos os papéis desse CPDOC, você que dirige isso.” Mas o Dr. Arísio Viana não admitia que ninguém...

C.C. - Dr. Arísio Viana era?

A.A. - Assessor do Dr. Simões.

C.C. - Assessor. Mas ele ficava responsável por cuidar do CPDOC também?

A.A. - É, ficava.

C.C. - Como era essa relação?

A.A. - Ele que decidia muita coisa aqui, que eu me lembro. Eu ia lá para o Dr. Arísio pedir, nunca esqueço também disso, vou contar essa história. Eu fui pedir, uma vez que a Monica Hirst ia para um seminário internacional nos Estados Unidos. E eu fui pedir ao Dr. Arísio para assinar o papel, autorização para ela sair. Ele disse assim: “essa moça entende alguma coisa? Eu não dou autorização nenhuma. Como, é uma pesquisadora do CPDOC!” “Ela foi convidada

a participar” “Não dou autorização nenhuma, ela não sabe nada.” Nem conhecia nem quem era. Olha, gente, era um drama.

H.B. - Muito pouca autonomia.

A.A. - Aí eu ia para Dr. Afonso Arinos. “Dr. Afonso, ajuda!”, aí o Afonso intermediava, era ele que fazia. Aí um dia Dr. Afonso decidiu que era um absurdo ele continuar como diretor desse... O CPDOC ser um órgão do Indipo, aí que ele separa, fica um órgão autônomo. É o Dr. Afonso Arinos que faz isso.

C.C. - A Celina continuou como diretora afastada?

A.A. - Afastada.

C.C. - E você de coordenadora geral?

A.A. - Coordenadora geral.

C.C. - A Célia Camargo já estava aqui?

A.A. - Aí depois, eu me lembro, quando eu fui para a França, a Célia Camargo ficou como coordenadora geral. Eu fiquei naquele período ainda, que eu era do dicionário e tal, quando aí eu fui para a França ficou a Célia Camargo. Quando eu voltei, eu voltei a ser coordenadora geral. Aí foi, saiu do CPDOC, depois veio a Lúcia, já era CPDOC.

C.C. - Quer dizer, Celina Vargas quando voltou do Arquivo Nacional ela foi ser direto superintendente?

A.A. - Foi ser superintendente.

C.C. – Foi ser superintendente geral da fundação.

A.A. - Já não é mais...

C.C. - CPDOC. Aí você ficou a frente do CPDOC, sozinha?

A.A. - É. Foi isso.

C.C. - Agora, em termos de pesquisa, Alzira, você já mencionou do ISEB alguns e também da questão da trajetória dos guerrilheiros. Um outro tema que você vai se envolver muito é sobre jornalismo, mídia e jornalismo em particular, história da imprensa. Onde é que surgiu isso, foi a partir dos verbetes do dicionário ou foi em outro momento?

A.A. - Olha, eu acho que tem um lado que eu vou ver quem vai fazer – isso é importante lembrar – quando a gente está fazendo o dicionário, eu separei os temas do dicionário e tinha uma parte que era imprensa, que fazia parte do dicionário. E quem começou a fazer a parte de imprensa foi uma moça que agora eu não vou lembrar o nome, mas que não dava certo. Foi aí que a gente chamou a Marieta para vir ser responsável pelos verbetes de imprensa.

H.B. - Você conhecia Marieta?

A.A. - Não. E eu me lembro que a Marieta para fazer esses verbetes, não tinha nada, você não podia se basear em nada para fazer a história dos jornais. E aquele Eduardo Leal, você sabe?

C.C. - Carlos Eduardo Leal.

A.A. - Ele fez os verbetes maravilhosos, ele foi para os jornais, ele levantou cada jornal para fazer a história dos jornais. E a Marieta começou a entrevistar os jornalistas. Eu me lembro que ela entrevistou os jornalistas os mais importantes, que morreram, ficou uma pena porque eles não assinaram carta de cessão, essas entrevistas estão aí, ninguém tem acesso a elas. Me lembro assim, Nascimento Brito e outros nomes, assim, importantes. Acho que a gente até podia ver isso.

C.C. - Talvez algum herdeiro autorize.

A.A. - Pois é. Marieta fez entrevistas *importantíssimas* com esses jornalistas que depois morreram. Me lembro de um que era muito importante que morreu logo depois, ficou aí as entrevistas sem assinatura de ninguém. Samuel Wainer, eu fui atrás da Pink, a Pink não quis me dar autorização. Tem aí entrevista do Samuel Wainer, olha, as pessoas mais importantes da imprensa nesse período todo que a gente estava trabalhando, estavam aí, a Marieta entrevistou essa gente. Bom, e aí eu me lembro que eu começo a me interessar também pela história da imprensa. Mas eu acho que tem um papel importante aí com a entrada do Fernando Weltman, que o pai dele é um jornalista importante. E a gente começou a discutir muito negócio da história da imprensa, em função, inclusive, desse material que o dicionário tinha feito sobre a imprensa. Aí eu comecei a querer estudar a imprensa e comecei a levantar primeiro, também, fazendo levantamento dos jornais que a gente já tinha a história levantada, fazendo entrevistas com jornalistas. Aí comecei a trabalhar com mídia, aí gostei. Até hoje gosto muito de trabalhar com mídia.

H.B. - É um campo de pesquisa que você ficou com ele, mas que vem da experiência do dicionário. Vem daí.

A.A. - Vem da experiência do dicionário. Era totalmente *virgem* esse material, você não tinha como estudar imprensa no Brasil, *você não tinha nada*. E a gente vai levantar esse material.

C.C. - O dicionário continuou, também, sendo o interesse seu, tanto que tem o dicionário da propaganda no Brasil, não é?

A.A. - É. Aí também são as pessoas que procuram.

C.C. - Dicionário da Primeira República, agora.

A.A. - Vem o Armando Strozenberg quer fazer um dicionário da propaganda, quer que eu faça... A gente faz, não é?

H.B. - Você tem uma associação já da experiência do dicionário.

A.A. – Vai e tal. Depois eu resolvi atualizar o dicionário, porque Israel foi o pioneiro, que levantou essa história de fazer um dicionário, depois eu tentei fazer a atualização, foi quando a gente pegou... O Israel tinha parado em 1980, mais ou menos, ia até 75, por aí, mas a gente trouxe ele até... depois fizemos atualização até 2004.

C.C. - Israel já tinha saído do CPDOC?

A.A. - Tinha saído.

C.C. - E criou o *Memória Brasil*.

H.B. - Alzira, você manteve até quando a atividade docente?

A.A. - Aí me aposentei lá no Ifcs, já não me lembro mais direito, que eu fiquei dando aula lá no Ifcs.

H.B. - Mas aí continuava sendo sociologia e combinada com a atividade do CPDOC?

A.A. - Sociologia. Com o CPDOC.

C.C. - 91, acho que foi. Pelo menos está na pesquisa.

A.A. - Aí depois também, junto com a mídia... Foi um projeto que vieram aí sobre os procuradores, eu já nem me lembro mais que alguém falou que tinha que entrevistar os procuradores do Rio de Janeiro. Aí eu fiz uma pesquisa sobre procurador, mas juntei com mídia, fiz mídia e procuradores.

C.C. - Ministério Público e mídia, cidadania começou a trabalhar também com esses...

A.A. - Foi, foi.

C.C. - E teve depois o livro sobre *Caminhos da cidadania*, foi também um outro projeto de encomenda. Só voltando um pouco atrás, isso também numa época de crise da fundação, que eu me lembro que o CPDOC teve que começar a fazer projetos também...

A.A. - É, porque não tinha dinheiro, tinha que ter dinheiro.

C.C. - Isso era em alguma medida malvisto. Me lembro...

A.A. - Não. Era malvista...?

H.B. - De fora, de tipo de projeto.

A.A. - Ah, sim.

C.C. - Não internamente porque era a única forma de sobreviver.

H.B. - Mas era uma escolha, escolhas muito difíceis que o CPDOC fez, para épocas difíceis também. Por exemplo, História Oral era um campo completamente questionado, como é que você recupera processos em história do Brasil pela fala dos atores.

A.A. - É, isso era muito discutido.

H.B. - Isso combinou com certo perfil de história política, que nós fizemos, com pesquisa continuada, com muitos entrevistados e muitos livros e que causavam estranhamento também muito grande. Então, esses projetos financiados, em geral, vinham com esses depoentes, você combinava as duas coisas. Uma atividade acadêmica que era financiada, com um objeto suspeito, da fala dos atores.

C.C. - Por falar em livro, só uma pergunta para eu não esquecer de fazer, que a gente faz a todos os entrevistados, se você tivesse que destacar na sua formação, que livro, que obra teria sido mais marcante, importante, na sua formação?

A.A. - Autores?

C.C. – É, ou autores ou um livro em particular, um personagem em particular.

A.A. - Não sei. Aí é difícil, nunca pensei muito nisso. Autores que eu li que me marcaram muito, que eu gostei muito foi Durkheim. Desculpa, as pessoas dizem: “Durkheim, é tão conservador”. Mas eu li a obra de Durkheim toda, me entusiasmei pelo Durkheim uma época, dava aula sobre Durkheim, os alunos me contestavam lá no Ifcs, porque eu dava aula sobre um reacionário. Eu me lembro de um aluno dizer isso: “a senhora dá aula de um reacionário, Durkheim...”.

C.C. - Mas você dava Durkheim e Marx?

A.A. - Eu dava Durkheim e Marx.

C.C. - Eu fui seu aluno de Introdução de Sociologia I!

A.A. - Mas eles criticavam porque eu dava Durkheim. E eu era uma entusiasmada, eu gostava de Durkheim.

C.C. - O livro do José Albertino Rodrigues, aquela coletânea, você usava.

A.A. - É. Não sei, eu li várias coisas.

C.C. - Teve Steven Lukes, teve, vamos dizer, reapropriações mais sofisticadas e modernas da obra de Durkheim.

A.A. - E o Aron trabalhava muito com Durkheim também, o Raymond Aron.

C.C. - Essa ligação com a França, para além do fato de você ser casada com um francês, também permaneceu em um terreno intelectual, acadêmico. Sempre que você ia a França convivia. Quem era o grupo, vamos dizer, de referência de pessoas que você sempre...?

A.A. - Olha, tinha um grupo que eu fiquei muito ligada, que era o grupo... Todo mundo aqui do Brasil fazia doutorado com o Touraine, eu não fiz com o Touraine, mas fiquei muito ligada com o Pécaut que era do grupo do Touraine, Daniel Pécaut.

C.C. – Bourdieu também. O pessoal do museu, muita gente foi com o Bourdieu.

A.A. - Eu era muito ligada, ele me chamou, inclusive quando eu voltei para a França em 83, eu vou para trabalhar em um projeto sobre América Latina e tal, que aí que eu começo a trabalhar com os guerrilheiros. Mas era o Pécaut. Eu fiquei também muito ligada ao grupo do Bourdieu, que era Pollak, que eu gostava *muito* dele, como é o nome dela?

C.C. - Monique Saint-Martin?

A.A. A Monique Saint-Martin, fiquei ligadíssima a Monique. Enfim, eu frequentava muito. Eu chegava na França, primeira coisa, eu ia lá para *Maison des Sciences de l'Homme*, ia lá encontrava com todo mundo, marcava almoço, a gente saía, encontrava com esse grupo.

C.C. - Com IHTP mesmo você...?

A.A. - Com IHTP mesmo eu fiquei com... como é o nome dele? Ih, agora vou esquecer...

C. C. – Daniel Bertaux? Não, Daniel Bertaux não, o Michel Pollak?

A.A. – Aquele que veio aqui. Que eu convidei depois para vir aqui.

C.C. - René Remond?

A.A. - Não, outro, que era do... Ai meu deus, agora esqueci o nome. Que veio aqui em um seminário, era do IHTP.

C.C. - Alain Rouquié tinha contato?

A.A. - Tinha, conhecia ele, bastante, mas nunca trabalhei assim. Rouquié trabalhava mais com militar, mas me dava bem com ele. A gente sempre discutia muito, conversava.

C.C. – Não trabalhou com militar, mas você fez o livro, a entrevista com Juracy Magalhães que não deixou de ser militar [riso].

A.A. - É. Mas enfim, era assim, eu chegava lá sempre tinha contato e um apresentava o outro, a gente acabava sabendo quem estava trabalhando sobre o que. Até hoje, eu chego lá... Agora, a *maison* acabou, não tem mais Maison des Sciences de l'Homme, fechou, então aqueles grupinhos que eu sabia, ia lá no sexto andar, no terceiro andar era o grupo da Monique Saint-Martin, eu ia... Isso acabou praticamente.

C.C. - E na École des Hautes Études en Sciences Sociales?

A.A. - Na École, sei lá. Durante muito tempo ainda fui no grupo... Ia muito na Sciences Politiques, que eu conhecia algumas pessoas lá, frequentava a biblioteca que era maravilhosa, frequentei muito. Mas depois fui perdendo os contatos.

H.B. - Alzira, a sua trajetória é uma trajetória de combinação permanente de História com Ciências Sociais.

A.A. - É.

H.B. - Isso foi sempre para você um traço constitutivo, digamos, você começou a pensar a sociologia a partir da história ou reviu a história a partir das ciências sociais? Como você vê essa combinação?

A.A. - Essa combinação começa História e Antropologia. Isso eu tenho clareza que eu começo, eu começo a trabalhar com Roberto Cardoso, Oracy Nogueira, eu comecei muito eles me mandando ler, para trabalhar na pesquisa eu tinha que ler tais e tais coisas. Eu faço essa passagem para a Sociologia, mais na França. Aí quando eu vou para a França... Não, trabalho

aqui com Luciano Martins, que eu vou trabalhar já muito lendo algumas coisas, mas essa passagem mesmo eu faço tendo obrigações de ler determinados autores... Eu faço na França.

H.B. - Mas você acha que essa combinação da qual talvez o CPDOC seja a expressão mais institucionalizada, difusão de História com Ciências Sociais, você acha que isso continua tendo muito sentido ou continua sendo...?

A.A. - Eu acho que sim, eu acho que sim. Acho que a História se enriqueceu quando você vai através da Sociologia, da Ciência Política, você junta essas coisas. Quando estava lendo *Histoire du temps présent*, aqueles trabalhos todos que está se discutindo se é possível se fazer história do tempo presente. Você tem que trabalhar com a História e com a Sociologia. Você não pode... não sei, eu junto essas coisas.

C.C. - Uma experiência também sua profissional que eu não queria deixar de perguntar, é como conselheira na Faperj, na Finep. Em que momento você passou a ser convidada a integrar esses conselhos?

A.A. - Olha, eu não sei.

C.C. - Na Finep em particular. Por exemplo, a Finep durante muitos anos apoiou várias instituições, inclusive CPDOC, Museu Nacional. Depois ela se retraiu um pouco na área de Ciências Humanas, não? Passou a não ter... Você acompanhou isso?

A.A. - Assim, aquele negócio de atuação por defesa de... Eu foi começar nessas brigas da gente: defesa da ciência, sei lá, eu comecei a ficar muito próxima da SBPC. Num determinado momento eu me lembro que a gente defendia a defesa de pesquisadores, era umas coisas assim, lá pelos anos 78, 80, a gente começa a discutir a defesa da ciência... não era isso?

H.B. - Dos pesquisadores perseguidos ou de financiamentos para a ciência básica.

A.A. - É. Eu me lembro que a gente começa a discutir muito isso. E eu começo a discutir isso com as pessoas. Aí alguém me chama, vou participar de algumas reuniões, participo aqui e acolá e acabo me integrando muito na SBPC. Lá vou participar dessas discussões.

H.B. - Quer dizer, a SBPC que em um certo sentido te...

A.A. - Me abriu para isso.

H.B. - Para as outras, para a Faperj...

C.C. - Você teve em particular ligado quando foi o Ennio Candotti e o Gilberto, não é?

A.A. - Aí fui do conselho da SBPC, tinha reunião que eu conheci todos esses pesquisadores. Eu me lembro que eu conheci físicos, químicos, matemáticos, tudo através das reuniões. E eram pessoas muito importantes que faziam parte, Darcy de Almeida, essa gente toda que era tudo da SBPC. Era um momento áureo que a gente discutia muito liberdade de expressão, liberdade para os pesquisadores. Acho que a gente discutia muito o problema do financiamento da pesquisa, a gente estava numa fase muito de financiamento. E aí eu comecei. Entrei na SBPC e fui. SBPC, Anpocs, fui da Faperj, fui da Finep. Aí começa a chamar, um indica o outro. Vai ter votação para não sei que, me telefona: “pode?”. É uma coisa.

H.B. - E, de fato, você está numa instituição que não tinha pós-graduação e participava desses fóruns. Era muito separado de pesquisa, porque Iuperj é do centro de pesquisa, mas era pós-graduação. CPDOC, não tinha, então...

C.C. - CPDOC também mantém relações com o Museu, principalmente através do Gilberto, na época, não é? Ou não?

A.A. - Mas muita gente. Quando eu fiz o dicionário, a primeira vez, eu também chamei muita gente do Museu para fazer verbete para o dicionário, sobre Museu do Índio, não sei que, eu chamava gente de várias instituições que vieram, que eram os *especialistas*.

H.B. - Você tem um núcleo permanente de funcionários...

A.A. - Aquele pessoal, eu chamei muita gente, chamei do museu e de outras instituições, de Iuperj, de tudo.

C.C. - Alzira, também outro tema que a gente tem que perguntar, já que esse projeto é fruto de um edital sobre cientistas sociais de países de língua portuguesa, é sobre que contato, quando você começou a ter algum contato com cientistas sociais portugueses ou com o que se produzia lá, ou se foi muito pouco. Evidentemente a sua experiência francesa é muito mais importante. Mas mesmo assim a gente tem que perguntar.

A.A. - Eu participei recentemente de dois seminários em Portugal. Um foi aquele sobre a Primeira República, em que eu apresentei um trabalho sobre o dicionário da Primeira República. Foi lá em Coimbra. E agora, não sei por que, fui convidada para apresentar um trabalho no seminário da Universidade de Lisboa, Nova de Lisboa, sobre mídia. Aí apresentei um trabalho que eu faço há algum tempo sobre as *Cartas falsas* do... 1922, Arthur Bernardes.

C.C. - Mas isso já é bem mais recente.

A.A. - Bem recente, é.

C.C. - Quer dizer, antes não havia nenhum contato com o mundo português.

A.A. – Não, não tinha contato. Fui agora, recentemente, até achei importante porque nesse seminário da Universidade de Lisboa, eu já encontrei gente que estava em Coimbra. Aí foi engraçado, como é o nome dele? João, ele estava lá. “Ah, a gente se encontrou...”

H.B. – Quer dizer, isso não faz muito parte da história das Ciências Sociais no Brasil, essa conexão.

A.A. - Não.

H.B. - Talvez os historiadores tenham feito de uma maneira mais regular por causa da busca da experiência colonial.

C.C. - Historiadores, principalmente de colônia.

A.A. - As pessoas que trabalhavam mais com os arquivos portugueses.

H.B. - Mas para as Ciências Sociais foi sempre mais estranho, não é?

C.C. - É muito recente.

H.B. - Você acha importante?

A.A. - Eu acho importantíssimo, nossa. Esse meu contato com Portugal... Eu estou recebendo informações sobre pesquisas, principalmente mídia, eu recebo todo dia, eu comprei livros, porque eu não conhecia nada da produção intelectual portuguesa sobre esse tema, sobre mídia. Aí estou achando ótimo. Tem coisas *interessantíssimas* sobre... que junta um pouco com coisas que a gente está pensando, por exemplo, tem muitos estudos sobre o período da ditadura. Eu trabalhei muito aqui com a imprensa na transição, todo mundo aqui trabalhou. Foi uma coisa importante como a imprensa teve um papel importante na transição. E eles têm trabalhos lá também sobre isso, aí eu descobri isso.

C.C. - Esse é seu tema atual de interesse, que você está lendo?

A.A. - Atualmente eu tenho trabalhado muito, estou muito interessada, eu voltei tudo para atrás, estou trabalhando com o período dos anos 20 na imprensa. Eu voltei para trabalhar, fui trabalhar com as *Cartas falsas* e aí me interessei muito sobre esse período, que eu antes só trabalhava com os anos 70, 80, mas agora eu estou a fim de voltar a trabalhar com a parte mais recente.

C.C. – Tem o livro sobre *A modernização da imprensa*, você entrevistou pessoas que foram chave nessa... Inclusive mulheres que passaram a assumir papel importante.

A.A. - É. Eu tenho vontade de voltar agora a ver quem é esse pessoal mais jovem que está entrando na imprensa, isso aí eu não conheço. Eu estou começando a ver que tem muita gente. Cada vez que eu leio o jornal, leio muito jornal, eu preciso saber quem são essas pessoas mais jovens, que formação tem, o que estão pensando. Começou a... Vou acabar esses dicionários aí, quem sabe eu vou fazer...

C.C. - Novas entrevistas.

A.A. - Vou fazer.

C.C. - Bom.

H.B. - Algum ponto que você queira mais tocar?

C.C. - A gente passou...

H.B. - A gente pergunta sempre também, não sei se você é um pouco afastada, como acha que os cursos de Ciências Sociais estão hoje ou que deveria um curso de Ciências Sociais prestar atenção? Não sei se essa...

A.A. - Olha, eu não estou dando aula mais em curso de Ciências Sociais, mas eu acho que houve uma melhora, gente, *impressionante*. A pós-graduação, a gente está cansada de saber disso, melhorou os cursos de Ciências Sociais, de graduação.

C.C. - A pós obrigou a melhorar a graduação.

A.A. - Obrigou. Mas foi uma coisa assim, impressionante, eu acho.

C.C. - No Ifcs, fazer um pequeno depoimento pessoal, eu entrei em 81, e tinha assim, uma parte de pessoas que tinham feito pós-graduação, às vezes só o mestrado, mas enfim, já era uma pós-graduação e professores que eram graduados ou que não tinham nenhuma formação e que era uma diferença enorme em termos de pesquisa. Quer dizer, os que tinham pós-graduação faziam

pesquisa, falavam alguma coisa, escreviam, eventualmente, alguma coisa. E tinha professores que eram graduados e que não faziam pesquisa alguma, não tinham título nenhum. Isso nos anos 80 era muito marcante ainda, foi o período que você...

A.A. - Acho que sim, houve uma mudança, *melhorou muito a qualidade dos cursos*, gente, nem compara. Lógico, sempre teve cursos bons e cursos medíocres, mas eu acho que a pós-graduação obrigou a melhoria dos cursos de graduação. Eu acho.

H.B. - Você continua achando que História é importante para o cientista social?

A.A. - Eu acho. Sem história você não faz uma boa, um bom trabalho. Um bom sociólogo precisa de uma historiazinha para dar uma cobertura, eu acho.

C.C. - Muito bem, muito obrigado, Alzira, foi ótimo. Duas horas, quase.

[FIM DO DEPOIMENTO]